

IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA

IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica

Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011

ISBN 978-972-8932-88-6

Manuel C. Teixeira- manuelcteixeira@gmail.com
Centro de Estudos Urbanos - CEURBAN

A Leitura dos Espaços Públicos das Cidades Portuguesas na Cartografia Urbana Histórica

A cartografia e a iconografia são materiais privilegiados para o estudo das formas urbanas. Enquanto a cartografia nos dá uma leitura da estrutura urbana nas suas diversas componentes, a iconografia mostra-nos a arquitectura, os usos e a vida que decorre nos espaços públicos, que constituem o principal elemento definidor do carácter das cidades.

A leitura atenta da cartografia histórica, de diferentes épocas, articulada com a observação da cidade de hoje, permite-nos entender a evolução das formas urbanas e as suas principais características, revelando situações do passado que determinaram lógicas de localização e de implantação, o traçado de ruas, a localização e a orientação de praças, a localização de funções, a implantação de edifícios.

A leitura dos espaços públicos através da cartografia centra-se nas ruas e nas praças, e nos processos de concepção e de construção que deram origem a esses espaços urbanos, de que se destaca a relação com o sítio e a geometria que estão sempre presentes nos traçados urbanos portugueses, sintetizados de diferentes formas. Salvador da Bahia e a Baixa de Lisboa são apresentados como sínteses e exemplos de espaços públicos de origem portuguesa.

Palavras-chave: espaços públicos, cartografia urbana

The Reading of Public Spaces of Portuguese Spaces in Historical Urban Cartography

Cartography and iconography are privileged materials for the study of urban forms. While cartography represents urban structures in all their components, iconography shows architecture, the uses and the daily life that goes on in public spaces, which make up the main defining element of cities.

The careful reading of historical cartography, from different times, articulated with the observation of the contemporary city, allows us to understand the evolution of urban forms and their main characteristics, revealing situations from the past that determined the logics of location, the layout of streets, the location and orientation of squares, the functional organization of the city and the implantation of buildings.

The reading of public spaces by means of cartography is centred on streets and squares, and in the processes of conception and construction that gave rise to those urban spaces, namely the relationship with the physical characteristics of the site and geometry, which are always present in Portuguese urban layouts, synthesized in various ways. Salvador da Bahia and Downtown Lisbon are presented as synthesis of public spaces of portuguese origin.

Key-words: public spaces, urban cartography

1. A compreensão da cidade através da cartografia.

A cartografia e a iconografia são materiais privilegiados para o estudo das formas urbanas. Enquanto a cartografia nos dá uma leitura da estrutura urbana nas suas diversas componentes, a iconografia mostra-nos a arquitectura, os usos e a vida que decorre nos espaços públicos, que constituem o principal elemento definidor do carácter das cidades.

A leitura atenta da cartografia histórica, de diferentes épocas, articulada com a observação da cidade de hoje, permite-nos entender a evolução das formas urbanas e as suas principais características, revelando situações do passado que determinaram lógicas de localização e de implantação, o traçado de ruas, a localização e a orientação de praças, a localização de funções, a implantação de edifícios.

A cidade que vivemos é a síntese de múltiplos estratos temporais, que se vão acumulando e que, ao mesmo tempo, estão presentes simultaneamente nos traçados, nos edifícios, nos usos. A cidade guarda em si a evidência do seu passado: a antiga centralidade de zonas degradadas de hoje, o passado rural de zonas urbanas, a sedimentação histórica que ressurge teimosamente por detrás de novas fachadas. A cartografia é a chave para a sua descodificação.

Ela mostra-nos momentos do passado e ajuda-nos a compreender situações de hoje: ou porque representam períodos de desenvolvimento da cidade que hoje ainda fazem parte da cidade ou porque representam situações que entretanto já foram apagadas, ou estão por debaixo de outras, mas cujas marcas apesar de tudo persistem a marcar o território da cidade.

Podemos assim falar de uma arqueologia da cidade através da cartografia. A cartografia como registo de épocas passadas, a partir da qual podemos interpretar o presente, muitas vezes através de pequenos indícios e irregularidades: a rua que era azinhaga rural e que mantém o seu traçado irregular, o limite da cidade definido por uma linha de fortificação ou um uma linha de água que hoje é uma Alameda, o erpímetro de um quarteirão ou o traçado de uma rua que segue a linha de um baluarte.

Assim acontece também com as lógicas dimensionais que permanecem inscritas na cidade muito para além das razões que lhes deram origem. O loteamento de 25 palmos característica das cidades portuguesas, que radicava numa razão construtiva, permanece uma componente importante da morfologia e da paisagem urbana das cidades, não obstante a sua razão de ser, construtiva, já não se aplicar. A localização de praças junto às portas de muralhas já desaparecidas. A praça que resolvia inflexões de ruas motivadas por irregularidades do terreno, hoje inexistentes. Os usos que se radicam em determinadas zonas, sem razão aparente, e que se justificam pela sua antiga localização na cidade.

2. A relação com o sítio e a geometria.

A compreensão da estrutura física do território, por um lado, e a formulação de uma visão abstracta do mundo através da geometria, por outro, são as duas principais referências para a concepção e a construção dos espaços urbanos, as quais de traduzem, respectivamente, em espaços de natureza vernacular, que se adaptam ao sítio, e em espaços de natureza erudita, geometricamente regulares. Os espaços urbanos das cidades de origem portuguesa expressam estas duas referências e, ao mesmo tempo, são expressão da sua síntese.

Lisboa é um bom exemplo do modo como as estruturas urbanas portuguesas se adaptam ao território, através da localização de edifícios singulares em posições dominantes, da implantação das ruas principais sobre as linhas de cumeada e as linhas de vale, e o desenvolvimento de praças associadas a estes edifícios singulares em posições dominantes ou na articulação destas vias estruturantes. Desta forma, o perfil da cidade ajusta-se harmoniosamente à linha da paisagem.

A relação com o sítio, que faz parte da tradição mediterrânica, foi ainda reforçada pela presença muçulmana, e encontra-se nas cidades portuguesas construídas quer em Portugal que em territórios ultramarinos, estas últimas no contexto da expansão marítima portuguesa a partir do século XV. As cidades da Ribeira Grande, em Cabo Verde, de São Tomé, na ilha de São Tomé, ou Olinda, no Brasil, são – a par de muitas outras – exemplos da permanência dessa tradição de relação com sítio, que começa na própria escolha de local para a implantação do núcleo urbano.

Figura 1.

Figura 2.

A geometria está igualmente presente nos traçados urbanos portugueses de diferentes épocas históricas. A presença romana deixou as suas marcas em muitas cidades portuguesas, de que são exemplo Braga, Évora ou Beja, que evidenciam ainda nos seus traçados a regularidade que lhes deu origem. Essa mesma regularidade virá a expressar-se em sucessivos momentos históricos. É patente a permanência da tradição de regularidade da antiguidade clássica ao longo da idade média, de que entre nós são expressão as numerosas cidades planeadas dos séculos XIII e XIV, e de que Estremoz e Monção são exemplo.

A geometria, expressando a relação do Homem com o Cosmos, irá ser a base das muitas propostas de cidades ideais formuladas ainda na Idade Média – como a cidade de Eiximenis – mas fundamentalmente no Renascimento. Tendo por referência a cidade ideal de Vitruvius, do século I a.C., estas eram cidades muralhadas, com um perímetro regular, inscritas numa circunferência, e uma estrutura radial, como Sforzinda de Filarete, de meados do século XV, ou adoptando uma malha ortogonal no seu interior, como propuseram Cataneo ou Scamozzi, nos séculos seguintes.

Figura 3.

Figura 4.

Nos traçados urbanos portugueses, essa regularidade vai-se afirmando, a partir de finais do século XV, com os traçados do Funchal e de Angra do Heroísmo, ou do Bairro Alto ou de Salvador da Bahia Quinhentistas. A referência aos traçados ideias renascentistas era por vezes explícita, em situações em que as exigências políticas ou militares o justificavam. É o que observamos em Mazagão, no norte de África, em Damão, na Índia, ou em Nossa Senhora dos Prazeres do Rio Igatemy, no Brasil, construídas entre os séculos XVI e XVIII.

Essa regularidade dos traçados, que crescentemente passava pela definição de estruturas ortogonais, vai ter o seu apogeu no século XVIII. A campanha de urbanização levada a cabo no Brasil desde o início desse século, mas particularmente na segunda metade, vai traduzir-se na fundação de vilas e cidades obedecendo a uma rigorosa regularidade, que se expressava tanto no traçado ortogonal das ruas, como na estrutura de quarteirões e de loteamento e na própria arquitectura. Em Portugal, o plano de Vila Real de Santo António, de 1775, é expressão desta assunção de regularidade, que passava tanto pelo traçado como pela arquitectura.

Figura 5.

Figura 6.

3. As sínteses do sítio e da geometria

A relação com o sítio, por um lado, e da geometria, por outro, são patentes em cidades portuguesas de diferentes épocas históricas e de diferentes contextos geográficos. Contudo, uma das principais características das cidades portuguesas era a síntese destas duas componentes. Uma das primeiras expressões dessa síntese podemos encontrá-la na citânia de Briteiros, em que à estrutura habitual dos castros – em que a rectilinearidade se encontrava ausente quer na planta das casas quer na estrutura de caminhos – encontramos sobreposta um rede de ruas de base ortogonal, resultado da provável romanização que a citânia havia sofrido.

Em muitas cidades de origem portuguesa encontramos diferentes instâncias em que a regularidade do plano, que está sempre presente nos traçados, é moldada do sítio e adaptada às pré-existências, nomeadamente aos edifícios singulares construídos em pontos notáveis. A cidade do Rio de Janeiro, tal como nos aparece representada na planta de Jean Massé de 1713, é um exemplo nítido da síntese inteligente dessas duas componentes. É clara a existência de um traçado de ruas longitudinais e transversais cruzando-se em ângulo recto, que é deliberadamente deformado, seja porque a via marginal se adapta ao contorno da baía, ou porque outras ruas se adaptam à topografia ou se orientam para conventos ou outros edifícios singulares localizados em morros, tirando partido da sua perspectiva.

Seja nos casos em que os espaços públicos eram construídos através de um crescimento gradual, como a cidade da Horta, ou através de um plano global, como Vela Bela, seja nos casos em que o desenvolvimento das cidades se fazia através de sucessivas unidades de crescimento, como em Manaus, ou através de um regra de crescimento que estava já subjacente ao traçado, como em Vila Real de Santo António, existia sempre a síntese

do sítio com a geometria. Isso era reforçado através de estratégias de desenho que visavam a valorização dos espaços públicos, explorando a relação entre o traçado e a arquitectura, dando origem à característica imagem da cidade portuguesa.

Figura 7.

Figura 8.

4. As hierarquias de ruas

O sentido de hierarquia é fundamental no ordenamento urbano. O primeiro elemento hierarquizador eram as muralhas da cidade, que definiam o espaço urbano, em contraponto ao espaço não urbano. As portas da cidade, por outro lado, eram fundamentais para a hierarquização do sistema viário, sendo mais importantes, e elementos estruturantes da cidade, as ruas que ligavam as principais portas. Não raro, estas vias cruzavam-se em ângulo recto no centro da cidade, definindo a sua centralidade simbólica e funcional.

A hierarquia das ruas definia-se também em função da estrutura de loteamento. Nas cidades medievais planeadas existia uma estrutura de ruas de frente, mais largas, para onde davam as frentes dos lotes, e de ruas de traseiras, mais estreitas, para onde davam os fundos dos quintais. Quando os quarteirões passam a ter duas fiadas de lotes, costas-com-costas, as vias hierarquizam-se em ruas, para onde dão as frentes dos lotes, e em travessas, para onde dão os topos desses quarteirões. Quando os lotes se orientam para as quatro faces do quarteirão, as hierarquias das ruas estabelecem-se em função da sua relação com outros elementos da malha urbana.

O plano para a reconstrução da Baixa de Lisboa, de 1756, mostra-nos diferentes formas através das quais se estabelece a hierarquias das ruas: através do próprio traçado e da sua posição no plano, em que são ruas principais aquelas que ligam os extremos do plano e ruas secundárias aquelas que são interrompidas pelos quarteirões transversais, através do seu perfil, em que são mais importantes as ruas mais largas e secundárias as mais estreitas, através da sua relação com as praça do Rossio e do Terreiro do Paço, em que são mais importantes as duas ruas que ligam estas praças, e através da arquitectura, mais elaborada nas ruas hierarquicamente mais importantes, menos elaborada nas restantes.

Figura 9.

Figura 10.

5. As praças, componente fundamental das cidades portuguesas

As praças, ou os espaços que se podem agrupar sob esta designação, são uma componente fundamental das cidades portuguesas. Através da cartografia é possível observarmos a grande diversidade de praças, no que se refere ao seu tamanho, geometria, posição na malha urbana, associação a edifícios singulares, bem como as

suas diferentes funções, seja actuais ou aquelas que lhes deram origem. Esta diversidade está na origem das muitas designações deste tipo de espaços, podendo ser praças, largos, terreiros, adros, campos, etc. Outra característica destes espaços é a sua multiplicidade, já que cada núcleo urbano tem habitualmente várias praças, destinadas a diferentes usos.

As praças não surgem casualmente, nem se localizam em qualquer local da cidade. Elas surgem para cumprir fins específicos, muitas vezes associados à própria organização da malha urbana, determinando a sua localização. Uma das situações geradoras de praças é a articulação de malhas urbanas, nas quais estes espaços desempenham um papel fundamental. É o que, de diferentes formas, se pode ver em Belém do Pará, no Desterro ou em Ouro Preto, no Brasil. Outras situações em que as praças se desenvolvem são associadas às portas das muralhas, habitualmente tanto no interior como no exterior destas portas, no encontro de ruas, ou em pontos de inflexão de vias estruturantes da cidade.

Um caso particular de praças que se encontram no cruzamento de vias estruturantes são as praças que nas cidades marítimas ou ribeirinhas se desenvolvem de frente para a água, no cruzamento da primeira rua longitudinal que se implantou ao longo da costa, ou da margem do rio, com a principal via transversal de penetração para o interior. Este é o tipo de praça a que corresponde o Terreiro do Paço em Lisboa ou a Praça XV no Rio de Janeiro.

Figura 11.

Figura 12.

As praças podem desenvolver-se gradualmente, adquirindo a sua conformação espacial juntamente com a implantação nesse espaço de funções e de edifícios singulares, ou serem construídas de acordo com um plano, e num curto prazo. As praças de origem religiosa, numerosas nas cidades, desenvolvem-se a partir de um adro de igreja ou terreiro de convento, e a sua estruturação formal é muitas vezes lenta, como a observação cartográfica facilmente nos mostra.

As praças construídas de acordo com um plano, surgem a partir de finais do século XV, e correspondem à modernização dos espaços urbanos levada a cabo nesse período. A partir de Quinhentos a praça substitui os sítios topograficamente dominantes como os locais privilegiados para a localização de funções centrais e de edifícios singulares e passa a ter um papel fundamental na organização da cidade. Em breve, estes espaços serão os elementos geradores das malhas urbanas, processo que começa a observar-se no século XVII e se consolida no século seguinte.

Figura 13.

Figura 14.

6. As sínteses de Salvador da Bahia e a Baixa de Lisboa

Em Salvador da Bahia podemos observar a síntese de muitas das características das cidades portuguesas anteriormente enunciadas. O sítio onde a cidade se veio implantar, a adopção de malhas regulares que foram posteriormente adaptadas à topografia, a localização de praças associadas às portas das muralhas ou nos pontos de inflexão da principal via estruturante da cidade, a qual se havia implantado sobre a linha de cumeada, são aspectos que ilustram de uma forma muito nítida algumas das principais características morfológicas das cidades portuguesas. A existência de uma abundante cartografia e iconografia permite-nos, por outro lado, observar a progressiva estruturação e desenvolvimento dos espaços públicos da cidade.

Figura 15.

Figura 16.

Já os diferentes planos elaborados para a reconstrução da Baixa de Lisboa após o terramoto de 1755 nos oferecem uma visão das múltiplas possibilidades de síntese da relação com o sítio e da geometria. Cada um dos planos, elaborados por diferentes engenheiros militares, de acordo com programas fornecidos por Manuel da Maia, é uma síntese diferente daquelas duas componentes, indo desde uma grande aproximação ao sítio e ao traçado de antes do terramoto a uma quase abstracção de um e de outro.

Os dois planos que tiveram a participação de Eugénio dos Santos são exemplares a este respeito. O primeiro, elaborado em colaboração com António Carlos Andreas, é um plano cuidadosamente adaptado ao sítio e às pré-existências. Para além disso, este plano evidencia como é possível articular, de uma forma inteligente, um plano construído com uma inegável base de regularidade e geometria, com o sítio e as pré-existências, e em que estas são adoptadas como referências fundamentais para a organização do traçado e elementos fulcrais das estratégias de desenho adoptadas.

O segundo plano, da autoria apenas de Eugénio dos Santos, surge como uma quase imposição de um traçado regular, aparentemente com pouca relação com o sítio ou a cidade de antes do terramoto. É no entanto possível observar, também neste plano, a permanência de elementos estruturantes fundamentais da cidade de antes do terramoto, nomeadamente as duas praças do Rossio e do Terreiro do Paço, a grande via que as ligava, e as vias de atravessamento, ao longo do rio e ligando as colinas. As hierarquias de ruas e o posicionamento dos quarteirões são outro tantos elementos que se repetem, como que numa revisitação de princípios tradicionais de estruturação das cidades portuguesas.

Figura 17.

Figura 18.

7. A cidade como palimpsesto

A cidade é um território complexo, feito de estratos sucessivos, de diferente natureza – traçados, arquitecturas, usos – que se vão entrecendo e com ritmos de mudança diferenciados. A cidade é um palimpsesto, sobre o

qual sucessivos textos se vão escrevendo, mas nunca conseguindo apagar inteiramente aquilo que nele estava escrito anteriormente, e que teimosamente vai sempre ressurgindo. A cidade que vivemos, é a síntese de múltiplos estratos temporais, que se vão acumulando e que, ao mesmo tempo, estão presentes simultaneamente. A cidade, e a nossa imagem da cidade, é sempre uma imagem compósita, de elementos de tempos diferentes, à qual se agarram as memórias, nem sempre conscientemente apercebidas.

Figura 19.

Fig. 1

Olissipo quae nunc Lisboa, civitas amplissima Lusitaniae ad Tagum, totiq̄ Orientis, et multarum Insularum Africoeque et Americae emporium nobilissimum, Georgio Braunio, 1593, Museu da Cidade de Lisboa, in Georgio Braunio, Urbium proecipuarum mundi theatrum quintum, Vol. V, Estampa 2.

Fig. 2

A View of the City and university of Coimbra, a.d., 1797, Biblioteca Pública Municipal do Porto. in James Murphy, A General View of Portugal, "Plate XV".

[Vila de Olinda], [c. 1586], Biblioteca da Ajuda, in Roteiro de todos os sinaes conhecidos, fundos, baixos, Alyutas, e derrotas que há na Costa do Brasil desdo cabo de Sã.to Agostinho até ao estreito de Fernão de Magalhães, fl.2.

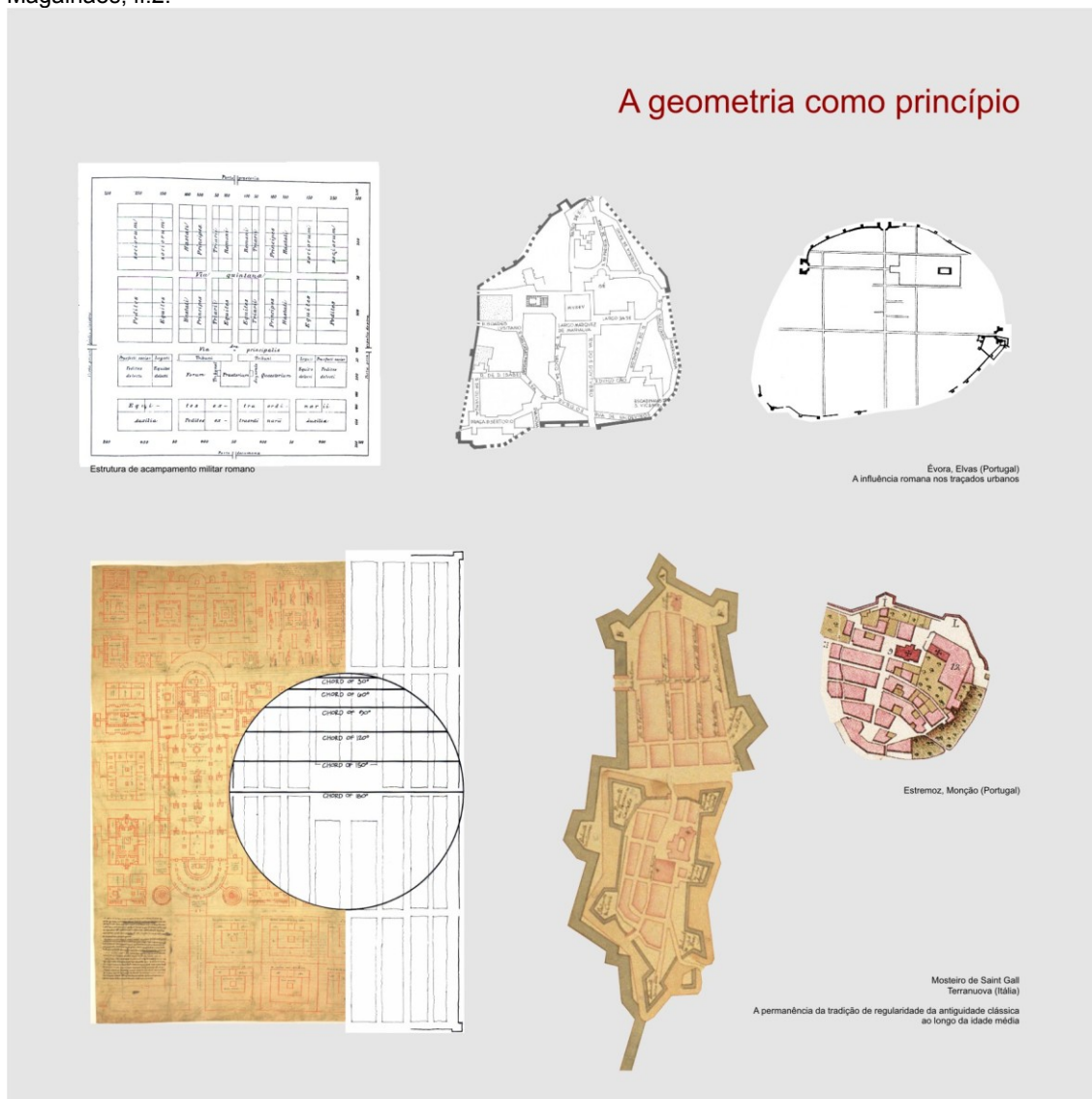


Fig. 3

Plan of St. Gall, in Lorna Price, The Plan of St. Gall in Brief, Stiftsbibliothek St.Gallen, 1982, p. xii.

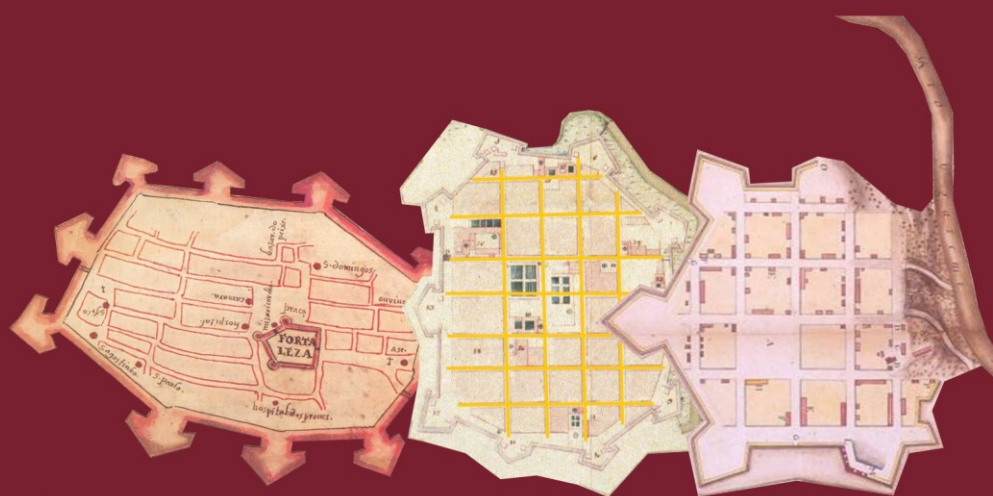
PLANTA DA PRAÇA DE ESTRÊMOS, J.A.G., 1758, Arquivo Histórico Militar.

Planta da Praça de Monção, Gonçalo Luís da Silva Brandão, 1758, Biblioteca Pública Municipal do Porto, in Gonçalo Luís da Silva Brandão, Topographia da Fronteyra, Praças e seus Contornos, Raya Seca, Costa, e Fortes da Provincia de Entre Douro, e Minho, Anno M.D.CC.L.VII., Mapa 6.

A afirmação da regularidade



Funchal (Portugal), Angra (Portugal)
A afirmação da regularidade nos espaços públicos quinhenistas



Damão, Baçaim (Índia), Nossa Senhora dos Prazeres do Rio Yguatemi (Brasil)
A referência aos traçados ideais renascentistas

Fig. 5

MADEIRA. FUNCHAL BAY, SURVEYED BY CAPTAIN A.T.E. Vidal R.N., A.T.E. Vidal, 1843, Sociedade de Geografia de Lisboa.

PLANTA DA CIDADE D'ANGRA DO HEROISMO, a.d., s.d., Museu de Angra do Heroísmo.

PLANTAFORMA DA FORTALEZA SE BAÇAIM, in Manuel Godinho de Herédia, O Lyvro de Plantaformas das Fortalezas da India, 1622-1640, Forte de São Julião da Barra.

Planta da Praça de Damão, a.d., s.d., Arquivo Histórico Ultramarino.

Demonstração e Configuração da Prasa de N. Snr.^a do R.º Ygatemy, José Custódio de Sá e Faria, [1774], Mapoteca do Ministério de Relações Externas Itamaraty .

A regularidade de traçados e de arquitectura

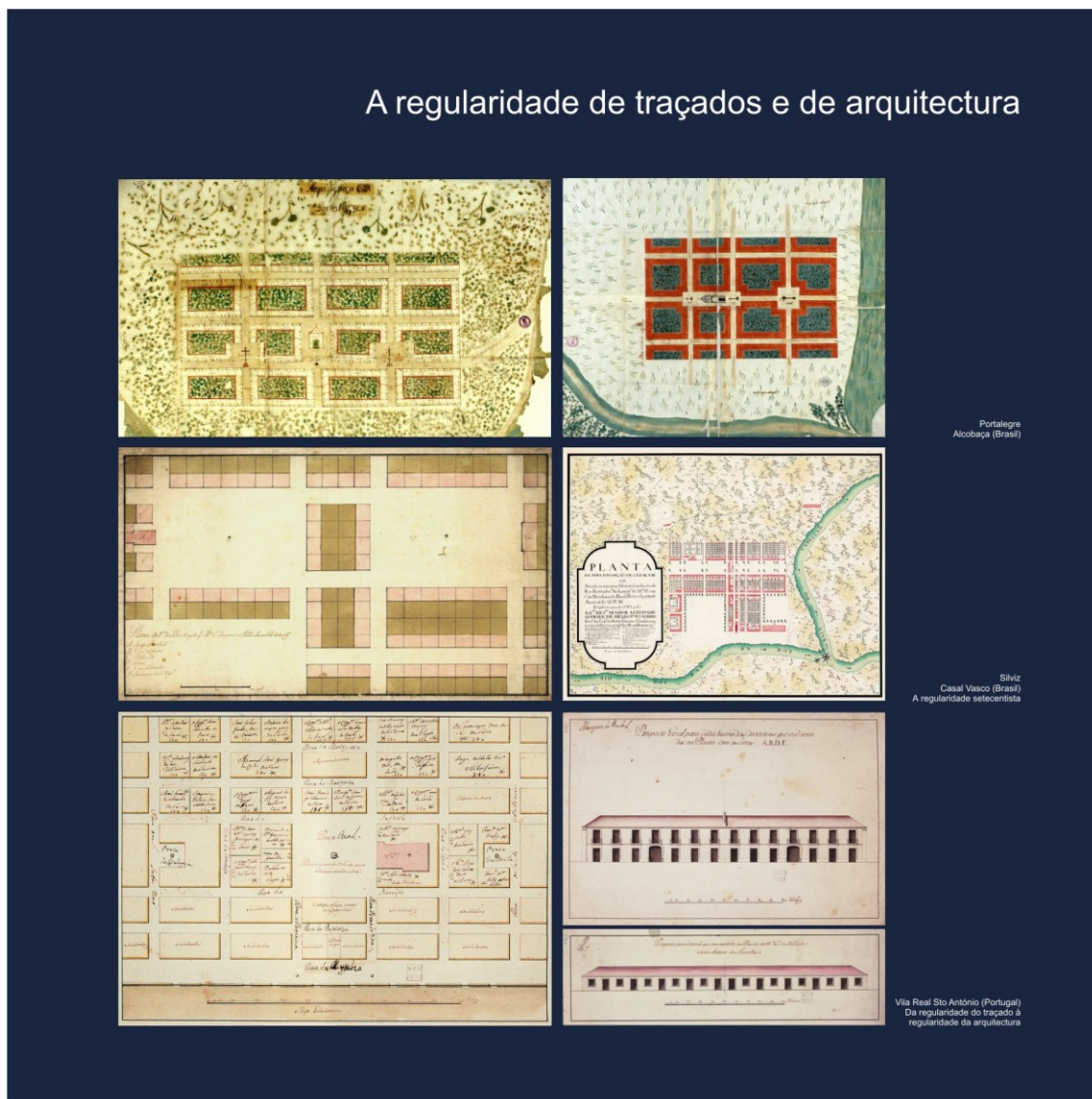


Fig. 6

Mapa da nova villa de Portalegre, a.d., 1772, Arquivo Histórico Ultramarino.

[Mapa da nova Villa de Alcobaca], 1769, Arquivo Histórico Ultramarino.

Planta da V^a de Silvz erigida p.lo Il.mo S.or iJoaquim de Mello e Povia, Pov.or desta Cap. nia, Filipe Strum, [séc. XVIII], Biblioteca Nacional de Portugal.

PLANTA DA NOVA POVOAÇÃO DE CAZAL VASCO Situada na margem Oriental ou direita do Rio Barbados., Luiz d'Albuquerque de Mello P.ra e Caceres, 1782, Casa da Ínsua.

Planta Geral da Villa de Santo António de Arenilha, a.d., [c.1775], Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério de Obras Públicas, Transportes e Comunicações.

Prospecto para a divisão que corresponde na Planta ao N^o 7^o na Villa de Santo Antonio de Arenilha, a.d., [c.1775], Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério de Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Prospecto Geral para cada huma das divizoens que vão notadas na Planta com as Letras A, B, D, E., a.d., [c.1775], Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério de Obras Públicas, Transportes e Comunicações

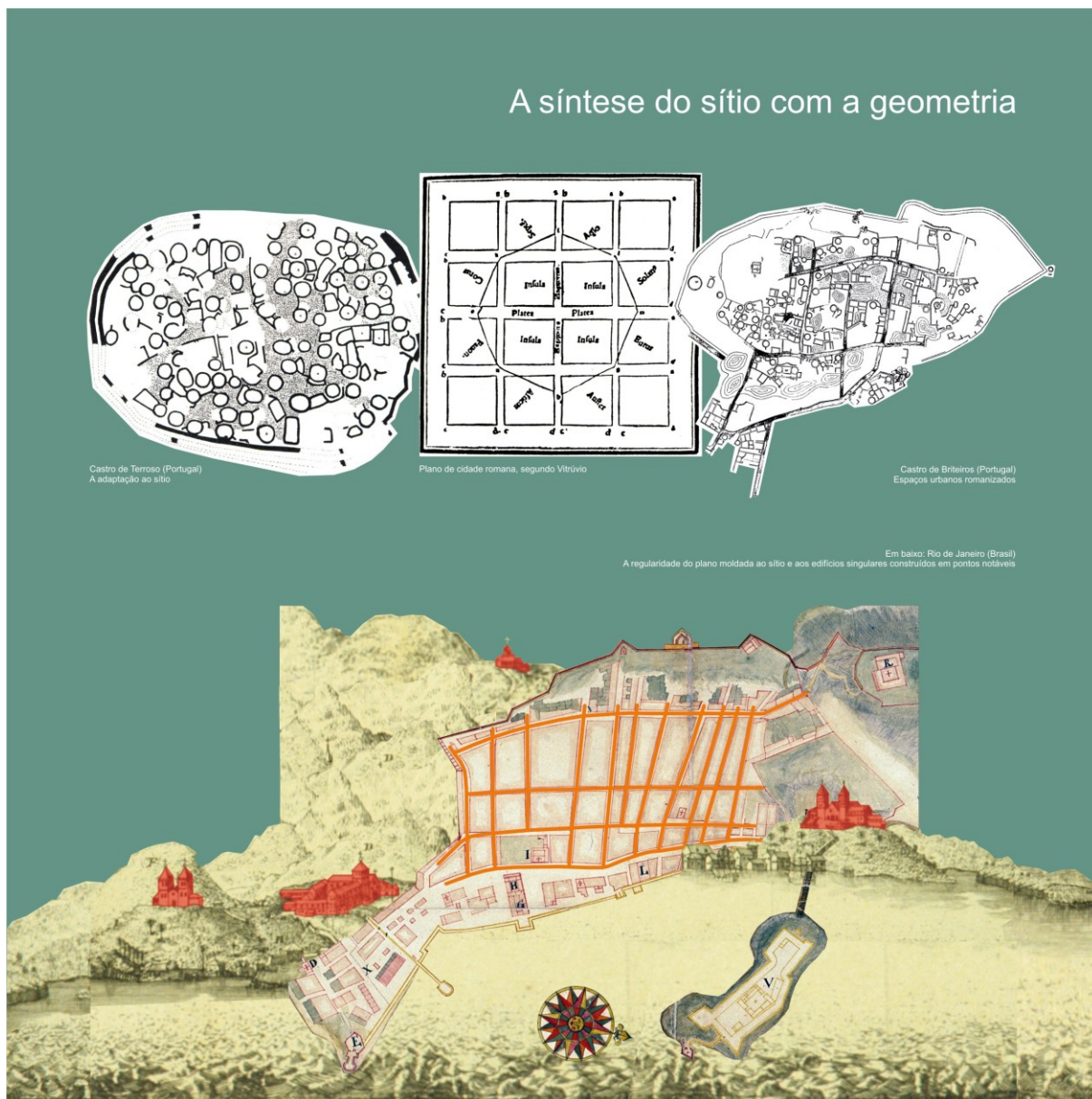


Fig. 7
ST. SEBASTIEN Ville Episcopale du Bresil, a.d., 1700, Biblioteca Pública Municipal do Porto ,in Relation du voyage de Mr. de Gennes au detroit de Magellan, p. 72.
Planta da Cidade de Saõ Sebastião do Rio de Janeiro, Com suas Fortifficações, João Massé, 1713, Arquivo Histórico Ultramarino.



Fig. 8

Planta das Fortificações, e Bahias da ILHA do FAYAL a qual por ordem da REAL JUNTA da FAZENDA destas ilhas dos Açores tirou o Sarg.to Mor do Real Corpo d'Engenheiros Jozé Rodrigo d'Almeida em 1804, José Rodrigo de Almeida, 1804, Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar.

PLANO DE VILLA BELLA DA SANTISSIMA TRINDADE CAPITAL DA CAPITANIA DE MATO GROSSO, [a.d.], 1789, Arquivo Histórico do Exército.

Estudos sobre o porto de Manaus, Pedro Aluisio Godinho, 1900, Arquivo Nacional do Brasil.

Planta Geral da Villa de Santo António de Arenilha, a.d., [c.1775], Biblioteca e Arquivo Histórico do Ministério de Obras Públicas, Transportes e Comunicações, in Conjunto de Desenhos.

PLANTA DA FREGUEZIA DE N. S.ª DA ENCARNAÇÃO, a.d., [séc. XVIII], Arquivo Nacional da Torre do Tombo, in DESCRIÇÃO COROGRAPHICA DAS PARROCHIAS DA CIDADE DE LISBOA (...) ANTES DO TERRAMOTO DO 1. DE NOVEMBRO DE 1755; E TAMBEM COM O NUMERO DE FOGOS, Q'NELLAS EXISTÃO.

Planta nº 3º, Plano da Cidade de Lisboa baixa destruída, em que vão sinaladas com punctuação preta todas as ruas, travessas e becos antigos, e as ruas escolhidas de novo com toda a liberdade se mostraõ em branco, e os sítios dos edificios novos de amarello, e as Igrejas e lugares se conservaõ sem mudança de carmim forte, a alfandega do tabaco, Baluarte do terreyro do Paço e sua cortina, que se devem derribar para restar formado o grande terreyro do Paço vão lavados de huma agoada de carmim, como também algumas porções de edificios do arco do açougue té á entrada do Pelourinho, que taõ bem se haõ de derribar para complemento do mesmo terreyro do Paço com semelhante agoada e a divizaõ das fregas com a cor azul, Eugénio dos Santos e Carvalho, António Carlos Andreas, [séc. XVIII], Museu da Cidade de Lisboa.



Fig. 9

Nissa tirada naturall da banda do Sull alcaidi Dom Joham di Souza, Duarte d'Armas, [1495 -1521], Arquivo Nacional da Torre do Tombo in Duarte d'Armas, Este livro he das Fortalezas que sam situadas no extremo de Portugal e Castella...

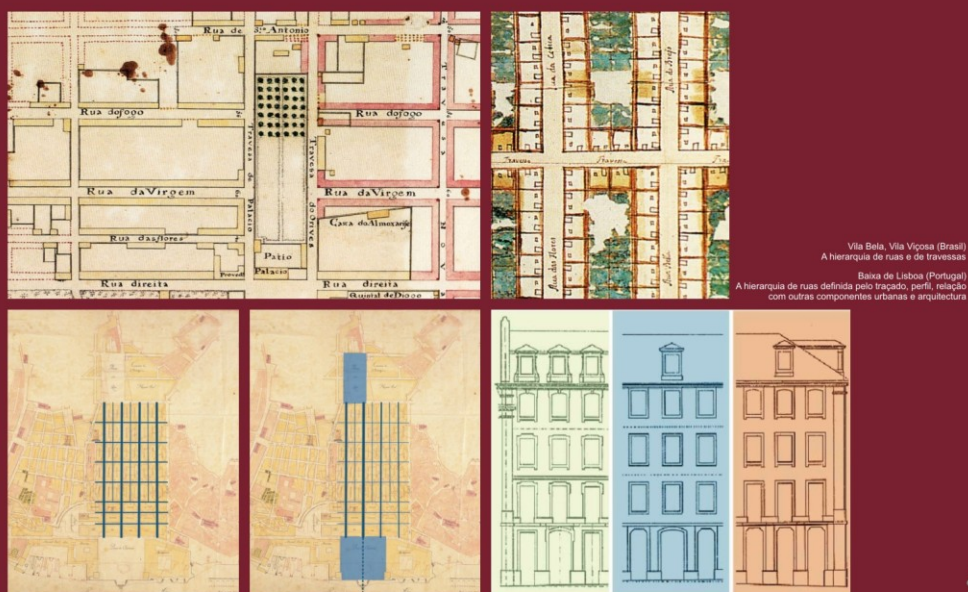
Nova BRACARAE AUGUSTE descriptio, Georgio Braunio, 1594, Biblioteca Nacional de Portugal.

PLANTA DA RESTITUIÇÃO DA BAHIA, João Teixeira Albernaz, 1631, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Situation der stadt und fortification der citadel von Villa Viçosa, João de Roemer, 1763, arquivo

PLANTA DA CIDADE DE PONTA-DELGADA TIRADA E DESENHADA EM SETEMBRO DE 1831 POR ANTONIO FERREIRA GARCIA D'ANDRADE, António Ferreira Garcia de Andrade, 1831, Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Ponta Delgada.

A hierarquia das ruas



Em baixo: A paisagem das ruas

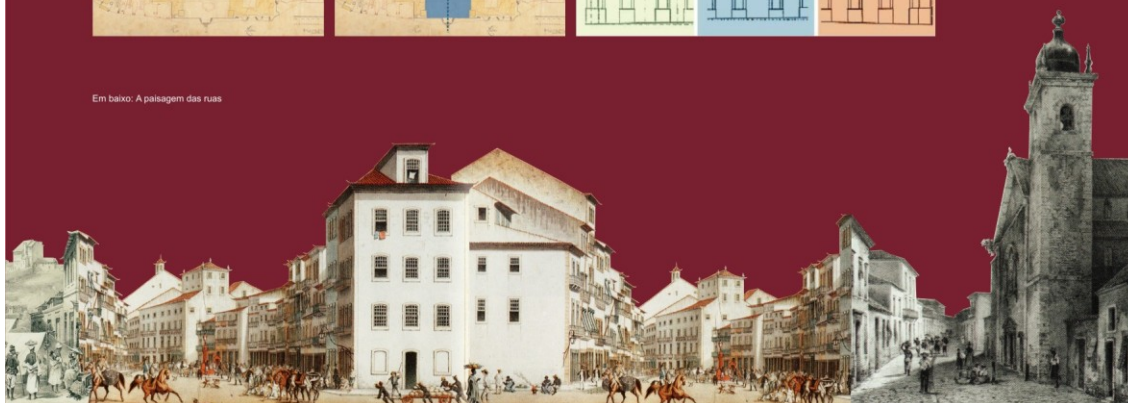


Fig. 10
Novo Projecto para a continuacão do Plano primitivo desta V^a, Domingos Sambuceti, 1775, Casa da Ínsua.
[Mapa da nova villa Viçosa], a.d., 1774, Arquivo Histórico Ultramarino.
Planta Topographica da Cidade de Lisboa arruinada, tambem Segundo o novo Alinhamento dos Architétos.
Eugénio dos Santos e Carvalho, e Carlos Mardel, Eugénio dos Santos e Carvalho, e Carlos Mardel, [séc.XVIII],
Museu da Cidade de Lisboa .

As praças na articulação de malhas urbanas



Belém do Pará, Nossa Srª do Desterro (Brasil)
Praças geradas a partir da articulação de malhas urbanas



Ouro Preto (Brasil)
A praça Tiradentes na articulação dos arraiais de Antônio Dias e do Pilar



Em baixo: A paisagem das praças



Fig. 11

PLANTA da Cidade de Belém do Gram Pará, fortificada pelo methodo mais simplez e de menor despeza q' pode admitir a irregularidade da sua figura e desigualdade do seu terreno em parte pantanoso, e em parte cheio de obstáculos e dificuldades principalmente sobre a margem do rio, Gaspar João Geraldo de Gronfeld, 1773, Arquivo Histórico Ultramarino.

Mappa de huma parte da Ilha de Santa Catharina que se acha fortificada em estado d'efeza, a.d., 1795, Biblioteca Pública Municipal do Porto.

[Praça Tiradentes, Ouro Preto], a.d., s.d., Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

As praças ribeirinhas e marítimas



Fig. 12

[Baía de Anna de Chaves], a.d., [1644], Arquivo Histórico Ultramarino.

Planta da Cidade da Ribeira Grande, citta na costa do S. O. Da Ilha de Santiago de Cabo Verde, (...), Nicolao da Fonseca e Araujo, [s.d.], Arquivo Histórico Ultramarino

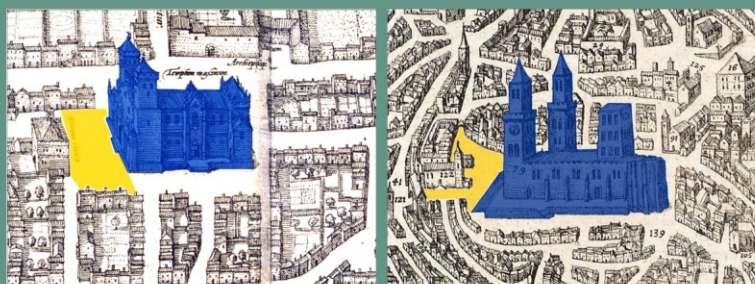
PLAN DE LA VILLE DE LISBONNE EN 1650 ÉXISTANT AUX ARCHIVES MUNICIPALES, Planta da cidade de L.^a em q' se mostraõ os muros de vermelho com todas as Ruas e praças da cidade dos muros a dentro dessas declarações postas em seu lugar. (...), [João Nunes Tinoco], 1650, Museu da Cidade de Lisboa.

Planta da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, Com suas Fortificações, João Massé, 1713, Arquivo Histórico Ultramarino.

As praças religiosas



Arraial de St. António, S. Vicente, S. Pedro del Rei (Brasil)
A estruturação progressiva de praças em torno de edifícios religiosos



Braga, Lisboa (Portugal)
As praças de Sé

Em baixo: Horta (Portugal)
A presença dos edifícios religiosos e das praças associadas na paisagem da cidade



Fig. 13

ARRAIAL DE STA ANNA Latitude Austral 14°45'ARRAIAL DE S. FRANCISCO XAVIEER DA CHAPADA Latitude 14°43'ARRAIAL DO PILARARRAIAL DE S. VICENTE Latitude Austral 14°30', a.d., [séc. XVIII], Biblioteca Pública Municipal do Porto.

PLANO DO ARRAIAL DE S. PEDRO D'EL REY Fundado e erigido em novo julgado no anno de 1781 por Luis d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres (...), a.d., 1781, Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Nova BRACARAE AUGUSTE descriptio, Georgio Braunio, 1594, Biblioteca Nacional de Portugal.

Olissipo quae nunc Lisboa, civitas amplissima Lusitaniae ad Tagum, totiq Orientis, et multarum Insularum Aphricoeque et Americae emporium nobilissimum, Georgio Braunio, 1593, Museu da Cidade de Lisboa, in Georgio Braunio, Urbium proecipuarum mundi theatrum quintum, Vol. V, Estampa 2.

As praças no interior do tecido urbano



Página anterior:
A Praça Nova do Porto

Funchal, Angra, Viana do Castelo, Braga (Portugal), Salvador da Bahia, São Luís do Maranhão, (Brasil)
As praças, componente fundamental das cidades a partir do século XVI

Fig. 14
cidade do funchal, [Mateus Fernandes], [c. 1570], Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
A CIDADE DE ANGRA NA ILHA DE IESV XPO DA TERCERA QVE ESTA EM 39. GRAOS, João A. Linschoten,
1595, Arquivo Histórico Ultramarino.
Planta de Vianna, Barra e Castello, Feita em 1756, e acrescentada na Cerca do Convento dosCruzios em 1758,
Gonçalo Luís da Silva Brandão, 1758, Biblioteca Pública Municipal do Porto, in Gonçalo Luís da Silva Brandão,
Topographia da Fronteyra, Praças e seus Contornos, Raya Seca, Costa, e Fortes da Provincia de Entre Douro, e
Minho, Anno M.D.CC.L.VII., Mapa 20.
Nova BRACARAE AUGUSTE descriptio, Georgio Braunio, 1594, Biblioteca Nacional de Portugal.
PLANTA DA CIDADE, Dº SALVADOR, NA BAHIA. DE TODOS OS SANTOS, a.d., [1616], Biblioteca Pública
Municipal do Porto in Livro da Razão do Estado do Estado do Brasil.
URBS S. LODOVICI IN N NOM, a.d., 1647, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, in Gaspar Barlaeus, Caparis
Barlaei rerum Per Octennivmin Brasilia (...), Historia, Amstelodami, Ex Typographeio Iannis Blaeu.

A síntese de Salvador da Bahia



Piano de Salvador da Bahia, 1616



O sítio original de Salvador da Bahia, a primeira e a segunda fases de construção da cidade, as diferentes malhas ortogonais, a adaptação ao sítio, as praças que pontuam a malha urbana e a lógica global do traçado

Em baixo: Salvador da Bahia (Brasil)
A organização em cidade alta - cidade baixa



Fig. 15
Urbs SALVADOR, João Maurits, 1671, Biblioteca da Ajuda, in DE NIEUWE EN ONBEKENDE WEERELD OF
BESCURYVING VAN AMERICA EN T'ZUID-LAND.

A síntese de Salvador da Bahia



Piano de Salvador da Bahia, 1631



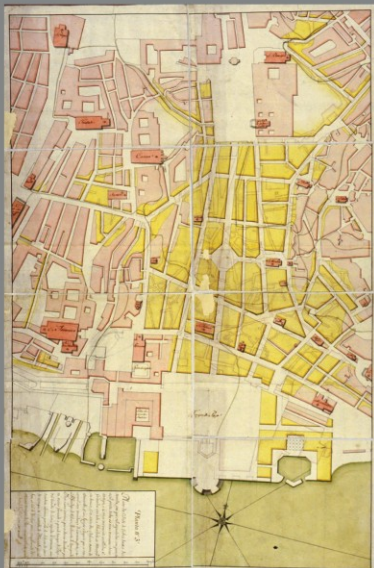
A evolução da praça da Ajuda, praça Municipal e Terreiro de Jesus em 1616 e 1631

Em baixo: Vista de Salvador da Bahia



Fig. 16
PLANTA DA RESTITUIÇÃO DA BAHIA, João Teixeira Albernaz, 1631, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
Urbs SALVADOR, João Maurits, 1671, Biblioteca da Ajuda, in DE NIEUWE EN ONBEKENDE WEERELD OF
BESCURYVING VAN AMERICA EN T'ZUID-LAND.

A síntese da Baixa de Lisboa



O plano para a reconstrução da Baixa de Lisboa de Eugénio dos Santos e António Carlos Andreas. A cidade edificada ao sítio e às pré-existências.



O plano aprovado para a reconstrução da Baixa de Lisboa, de Eugénio dos Santos. A imposição de um traçado regular.

Em baixo: Alçados Pombalinos

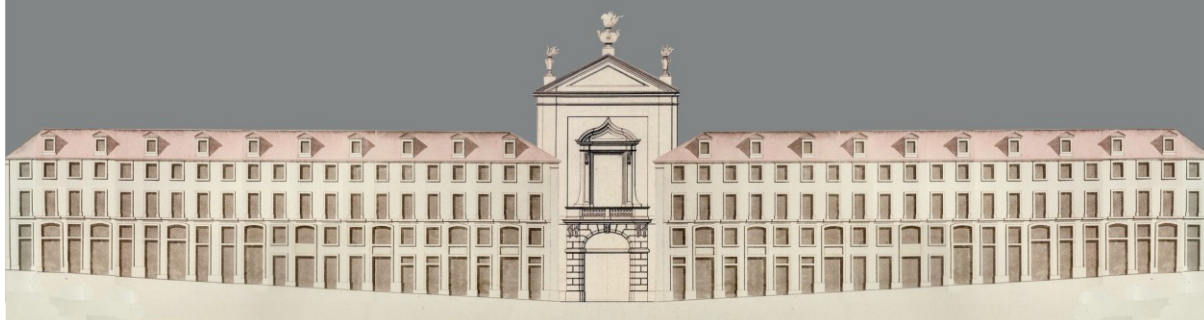
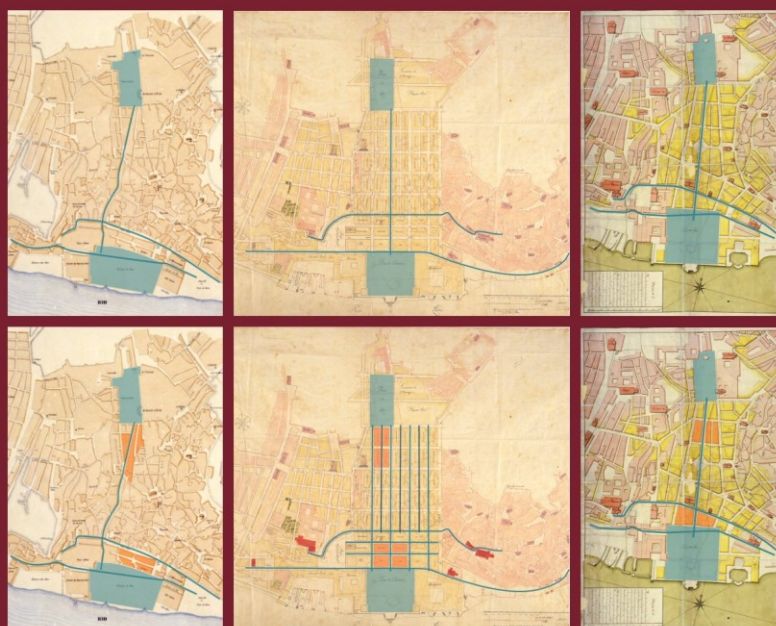


Fig. 17

Planta nº 3.º, Plano da Cidade de Lisboa baixa destruída, em que vão sinaladas com punctuação preta todas as ruas, travessas e becos antigos, e as rus escolhidas de novo com toda a liberdade se mostraõ em branco, e os sítios dos edificios novos de amarello, e as Igrejas e lugares se conservaõ sem mudança de carmim forte, a alfandega do tabaco, Baluarte do terreiro do Paço e sua cortina, que se devem derribar para restar formado o grande terreiro do Paço vão lavados de huma agoada de carmim, como também algumas porções de edificios do arco do açougue té á entrada do Pelourinho, que taõ bem se haõ de derribar para complemento do mesmo terreiro do Paço com semelhante agoada e a divizaõ das fregas com a cor azul, Eugénio dos Santos e Carvalho, António Carlos Andreas, [séc. XVIII], Museu da Cidade de Lisboa.

Planta, para a renovação da cidade de Lisboa baixa destruída ideada com toda a liberdade, assim dêtro da povoação, como na marinha se atender a conservação de couza alguma antiga, assim, como profana, Elias Sebastião Poppe, [séc. XVIII], Museu da Cidade de Lisboa.

A síntese da Baixa de Lisboa



Planos da cidade de antes do terramoto, de Eugénio dos Santos e António Carlos Andreas, e de Eugénio dos Santos
A permanência de elementos estruturantes

Em baixo: O Terreiro do Paço



Fig. 18

PLAN DE LA VILLE DE LISBONNE EN 1650 ÉXISTANT AUX ARCHIVES MUNICIPALES, Planta da cidade de L.^a em q' se mostraõ os muros de vermelho com todas as Ruas e praças da cidade dos muros a dentro dessas declarações postas em seu lugar. Delineada por joão Nunes Tinoco Architecto de S.Mg.de Anno 1650, [João Nunes Tinoco], 1650, Museu da Cidade de Lisboa.

Planta nº 3.º, Plano da Cidade de Lisboa baixa destruída, em que vaõ signaladas com punctuação preta todas as ruas, travessas e becos antigos, e as rus escolhidas de novo com toda a liberdade se mostraõ em branco, e os sítios dos edificios novos de amarello, e as Igrejas e lugares se conservaõ sem mudança de carmim forte, a alfandega do tabaco, Baluarte do terreiro do Paço e sua cortina, que se devem derribar para restar formado o grande terreiro do Paço vaõ lavados de huma agoada de carmim, como também algumas porções de edificios do arco do açougue té á entrada do Pelourinho, que taõ bem se haõ de derribar para complemento do mesmo terreiro do Paço com semelhante agoada e a divizaõ das fregas com a cor azul, Eugénio dos Santos e Carvalho, António Carlos Andreas, [séc. XVIII], Museu da Cidade de Lisboa.

Planta, para a renovação da cidade de Lisboa baixa destruída ideada com toda a liberdade, assim dêtro da povoação, como na marinha se atender a conservação de couza alguma antiga, assim, como profana, Elias Sebastião Poppe, [séc.XVIII], Museu da Cidade de Lisboa.

Os espaços públicos como palimpsesto



Fig. 19 – Os espaços públicos como palimpsesto.